

Vozes em Bibliotecas: Um Projeto de Marcas de Proveniência no Brasil¹

Fabiano Cataldo de Azevedo²
María Claudia Santiago³

Introdução

“[...] os livros parecem sítios arqueológicos: as alterações realizadas por várias mãos são como camadas de depósitos – os estratos deixando ainda outra camada de resíduos históricos com as atividades dos leitores e donos atuais. Os livros não tratam apenas de histórias: eles constituem e incorporam o próprio registro histórico vivo. É precisamente porque os livros têm esse poder de encapsular o passado que servem como lembrança da efemeridade do presente. Todo ‘livro velho’ é um memento mori, que sobrevive a seus antigos donos [...]”⁴



O ponto focal deste texto é apresentar o Projeto de Pesquisa “A Eloquência dos Livros: marcas de proveniência bibliográfica”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Patrimônio Bibliográfico e Documental, atualmente vinculado

- 1 Agradecemos à Luciana Martins pela revisão do texto e dedicamos esse texto a todos nossos colegas que vêm colaborando direta ou indiretamente com essa pesquisa.
- 2 Universidade Federal da Bahia; fabiano.cataldo@ufba.br
- 3 Fundação Oswaldo Cruz; maria.santiago@fiocruz.br
- 4 Barbara Heritage, “A arqueologia do livro”, In Charlotte Brontë: os manuscritos perdidos, (São Paulo: Faro Editorial, 2019), 26.

à Universidade Federal da Bahia (Brasil). Não iremos discutir e teorizar sobre marcas de proveniência, e sim, nos restringir aos aspectos que têm sido mais relevantes em nossa pesquisa.

Para isso, analisaremos as principais referências e discutiremos as reflexões que nos levaram a criar um projeto com esta temática, assim como os antecedentes, pois não se trata apenas de uma narrativa histórica, mas justifica a necessidade de sua existência. A seguir é nossa intenção, elencar determinados aspectos teóricos, que constatamos ser consequência do avanço nas discussões promovidas ao longo do desenvolvimento deste projeto.

Por essa razão, ao pensar num projeto como esse o objetivo foi necessário muita pesquisa, leitura, análise de campo, pelo menos nos dois primeiros anos; para depois, com um pouco mais de maturidade e consciência começar a produzir. Pela escassez de produção acerca do tema, inferimos que as produções poderiam contribuir na produção de referências, logo, o trabalho deveria ser feito com parcimônia e o máximo de seriedade possível. Nossa intenção não é de formular padrões e sim, colaborar no desenvolvimento desta área do conhecimento. Atualmente no Brasil, existem outros profissionais produzindo artigos, coordenando projetos e isso é salutar para ciência⁵ e, sobretudo, para nosso

5 Neste ponto, gostaríamos de destacar que não obstante esse texto ter um viés muito empírico sobre esse assunto temos conhecimento de que no geral muitos bibliotecários e demais profissionais que trabalham na gestão de uma biblioteca simplesmente não têm tempo para analisar com vagar determinados exemplares. Entretanto, um livro na estante, por décadas ou séculos, pode revelar tantas histórias. Dentre tantos trabalhos de qualidade, gostaríamos de sugerir duas pesquisas que se interpolam: Idalia García Aguilar, *Secretos del estante: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo* (México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011) y Marli Gaspar Bibas, *As marcas de proveniência como elementos para a construção narrativa da trajetória do exemplar Histoire de l'Origine et des Premiers Progrès de l'Imprimerie* (1740): da Real Biblioteca à Biblioteca Central da UNIRIO. Monografia (Bacharelado em Bi-

patrimônio, pois o resultado disto é um despertar e olhares mais críticos para as marcas de proveniência e propriedade.

A discussão em torno do tema “marcas de proveniência” (inicialmente, nem mesmo as diferenças conceituais eram tão evidentes para nós) se impôs. Dois eventos científicos foram importantes para apoiar a necessidade de um projeto dedicado exclusivamente ao tema. O primeiro foi o Encontro “Da minha casa a todos: a institucionalização de acervos bibliográficos privados”, organizado em 2016 pelas instituições: Fiocruz, UNIRIO, Museu de Astronomia e Ciências Afins e Museu Imperial. Devido ao tema em si, alguns trabalhos discutiram a história de certas coleções ou seus processos de institucionalização e mencionam a relevância das marcas de proveniência no âmbito da gestão de uma biblioteca. O outro evento foi uma jornada da *International Federation of Library Associations and Institutions* - IFLA, ocorrido em 2018, na Biblioteca Nacional do Brasil, intitulado “O Tráfico Ilícito do Patrimônio Bibliográfico na América Latina e Caribe”. Através dos debates promovidos por este evento, a importância das marcas de proveniência no cenário do tráfico ilícito tornou-se evidente.

Acreditamos que faz parte de uma proposta universitária responder às demandas sociais, neste caso através da prática profissional empregada de forma qualificada em acervos públicos. O projeto nasceu com esta perspectiva de colaboração e correlação entre teoria e prática.

Composto por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, o projeto de pesquisa conta com profissionais Bibliotecários, Arquivistas, Historiadores, Conservadores-Restauradores e Cientistas Sociais havendo ainda uma aproximação com museólogos, latinistas e paleógrafos e com esta conjectura absorvendo campos de atuação diferentes em prol de um tema que pode ser a fim entre eles.

blioteconomia). 85f. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, <http://www.unirio.br/cchs/eb/TCCMarliBibasFinal.pdf> [Acesso em: 25 ago. 2020]. 2019.

Alguns são professores em universidades públicas e outros são funcionários de instituições de pesquisa. Atualmente, todos esses profissionais estão vinculados ao Grupo de Pesquisa por causa do Projeto de Pesquisa. Aos pesquisadores estrangeiros, estes costumam atuar na categoria de colaboradores cuja atividade é participar ocasionalmente de nossas reuniões, para contribuir em algumas diretrizes. Além disso, é claro, eles também podem desenvolver planos de ação como qualquer outro pesquisador nacional.

Pois bem, a ideia para o título deste artigo nasce com a nossa percepção diante da atuação das marcas de proveniência em acervos de bibliotecas, conceito que será tratado neste texto. A forma de pensar sobre esta concepção passa pela relação da biblioteca como um lugar de memórias virtuais proposta em "*Memoire et Societé*".⁶

Para Namer, a biblioteca com seus livros nas estantes e seus catálogos é um lugar de memórias virtuais que jazem assim até serem acessadas por alguém que as conecta com suas próprias memórias coletivas. Namer lembra que as memórias virtuais igualmente se referem às influências que levaram às escolhas de determinados títulos e autores.

Reduzindo um pouco mais nosso campo de análise, consideramos que as bibliotecas com coleções especiais e livros raros podem ser formadas de diferentes maneiras, dentre as quais, compra e doação. Seja qual for a modalidade, nesse procedimento são incorporadas bibliotecas privadas, essas também trazem consigo memórias virtuais forjadas em outros lugares, sob outros contextos e por pessoas que poderiam ter ou não algum tipo de vínculo com o espaço que atualmente estão conservadas.

É o caso também do que pode ser chamado "acervo fundador", ou seja, a primeira coleção a ser constituída pela instituição. Esse conjunto, que possui uma grande impor-

6 Gerard Namer, *Mémoire et société* (Paris: Méridiens Klincksieck, 1987).

tância como patrimônio, é repleto de memórias coletiva e virtual, pois fizeram parte da primeira geração da biblioteca. Como o próprio nome indica, “acervo/coleção fundador(a)”, foram a base de formação não apenas da instituição, mas de indivíduos ligados a ela que indubitavelmente podem ter influenciado gerações. Dependendo do tipo de biblioteca elas foram a forja que imprimiram a identidade institucional.⁷

Namer pondera que essa operação de “virtualidade” se opera e se constitui no âmbito dos livros escolhidos, ou seja, autores e textos. Contudo, considerando que livro como objeto vai além do texto que ele contém,⁸ propomos que as vozes que ecoam de uma biblioteca também estão nas marcas de proveniência.

Seja pela dispersão⁹ de uma biblioteca ou falta de ações de preservação que impactem na condição de existir dos itens de um acervo, não são apenas os títulos e autores que podem deixar de existir, ou que são silenciados e esquecidos, mas também outras vozes que habitam as bibliotecas. Que vozes são essas? Aquelas registradas nas marcas de proveniência. Afinal, como sabemos, os livros, como objetos, são muito mais do que conteúdo.¹⁰ Neste contexto,

7 Fabiano Cataldo de Azevedo, “O acervo bibliográfico do Gabinete Português de Leitura como lugar de memória e forma reconhecível: considerações acerca dessas aproximações”, *Revista Convergência Lusíada: estudos culturais em língua Portuguesa*, 22, 25(2011): 43-60, <https://convergencialusiada.com.br/rcrl/article/view/65> [Acesso em: 03 abr. 2021].

8 Philip Gaskell, *Nueva introducción a la bibliografía material*, (Madrid: TREA, 1999); David Pearson, *Book as History: The Importance of Books Beyond their Texts* (London: British Library, 2008; 2019) ¿CUÁL ES LA FECHA CORRECTA?

9 João Luís Lisboa, “Coleções e dispersão”. In: Silva, Maria Celina Soares de Mello e (org.). *Da minha casa para todos: a institucionalização de acervos bibliográficos privados*. Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, 2018 8-25. *E-book*, http://www.mast.br/images/publicacoes_mast/livro_da_minha_casa_para_todos_v2.pdf [Acesso em: 24 out. 2019].

10 Fabiano Cataldo de Azevedo y Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro, “Afinal, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória”, *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência*

entendemos que a relação de herança de um livro com uma instituição, país, pessoas, por exemplo, também passa pelas marcas de proveniência

Numa pesquisa como essa, algumas perguntas se impuseram: de onde vieram esses livros? Como chegaram aqui? Em quais períodos? Por quem? Por isso, em um primeiro momento, consideramos essencial trazer algumas informações sobre a formação de bibliotecas brasileiras, com a proposta de contextualizar a circulação de livros no país e assim buscar entender a natureza de algumas marcas de proveniência. Conhecer a conjuntura de formação das bibliotecas em território nacional tem sido uma ferramenta importante para o desenvolvimento do Projeto.

Sobretudo numa publicação como essa, na qual a maioria dos textos são de países de língua hispânica, é imprescindível explicar, em linhas muito gerais, que embora a produção de livros no Brasil seja muito tardia, ou seja, a partir de 1808, o mesmo não aconteceu com a circulação de livros no circuito transatlântico. Esse fenômeno teve início ainda em finais do século XVI para abastecer, sobretudo, as bibliotecas religiosas que começaram a se estabelecer aqui, como jesuítas, beneditinos, franciscanos e dominicanos.¹¹ Mais tarde esses impressos também entrariam em nossos portos para suprir as necessidades de médicos e, sobretudo, advogados.¹²

Considerar a conjuntura do processo de formação de acervos de um país ou território é fundamental para a pesquisa em proveniência, pois condiciona uma percepção ampliada sobre a origem destes acervos e fomenta uma

da Informação (ENANCIB), 20 outubro 2019, <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123799> [Acesso em: 27 fev. 2020].

11 Jorge De Souza Araújo, *Perfil do leitor colonial* (Ilhéus, Bahia: Editora da UESC, 1999).

12 Luis Carlos Villalta, *Usos do livro no mundo luso-brasileiro sob as luzes: reformas, censura e contestações*, 2. ed. (Belo Horizonte: Fino Traço, 2015). No Brasil há uma grande bibliografia, produzida pelo menos desde os anos 1940. Elegemos apenas esses dois por uma questão de objetividade.

compreensão voltada para o significado de preservação de determinada coleção ou biblioteca.

Antecedentes

A observação de como os bibliotecários e outros curadores de bibliotecas patrimoniais trabalhavam com marcas de proveniência foi um impulso para pensar a necessidade de um projeto com este viés. Ou seja, há muito tempo este grupo de profissionais conhecia esta tipologia de registros em livros, alguns profissionais tinham uma compreensão maior do assunto do que outros, mas, de qualquer forma, havia a preocupação de identificá-los e documentá-los de alguma forma. No Museu de Astronomia e Ciências Afins, por exemplo, foi possível pela avaliação das etiquetas de livros da biblioteca particular de um astrônomo entender a circulação de livros sobre este assunto no Brasil.

Foram também influentes no processo pré-projeto acompanhar trabalhos apresentados por gestores de coleções em eventos como o Encontro Nacional de Instituições com Coleções Raras e Antigas (Argentina); Encontro Nacional de Livros Raros (Brasil) e congressos sobre biblioteconomia e documentação, especialmente quando foram criados simpósios temáticos específicos para discutir Coleções Especiais. Assim como ações representativas em comissões, oferta de disciplinas e apresentações de trabalhos que se relacionam com as marcas de proveniência, direta ou indiretamente.

Ao considerarmos as experiências antecedentes ao movimento de formação do Projeto, entendemos a importância das ações de identificação e descrição das marcas de proveniência, assim como o seu uso enquanto elemento de qualificação dos acervos, como uma possibilidade de integrar os recursos a serem empregados nas atividades de gestão. A compreensão dos usos das marcas de proveniência atingiu um maior alcance de atuação das bibliotecas em conhecer melhor a origem de seus acervos, e gradualmente

se estendeu na percepção quanto a sua importância em práticas relacionadas à segurança física.

Identificar e descrever as marcas ajudou no quesito segurança, na perspectiva de ser um dispositivo na individualização do exemplar, principalmente, quando a marca se apresenta visível e, dependendo do local de aplicação, de difícil remoção. O trabalho com as marcas de proveniência, no contexto de gestão das bibliotecas começou a deixar de ser visto como preciosidade e tornou-se um componente necessário.

Diante de mais uma análise contextual considerável, foi possível perceber a falta de experiência quanto a um método de trabalho direcionado para a identificação e descrição das marcas de proveniência e ainda a ausência de instrumentos técnicos, como um vocabulário controlado para ser aplicado à dinâmica do processo de catalogação. Verificamos que, tanto na formação; quanto na disponibilidade e uso de ferramentas técnicas, existia uma lacuna e, conseqüentemente, uma demanda a ser preenchida. Em relação à metodologia, podemos destacar ainda uma falta de conhecimento profissional da história do livro e, acima de tudo, da bibliografia material, sendo inviável o trabalho com as marcas de proveniência sem estes princípios norteadores.

Uma das questões propulsoras para a pesquisa foi identificar o que estava sendo pesquisado no Brasil sobre o tema “marcas de proveniência” e em quais bases metodológicas estas pesquisas potenciais se baseiam.

Para tanto, foram elencados os seguintes objetivos para o desenvolvimento deste projeto:

- mapear a produção científica sobre marcas de proveniência e como este tema tem sido tratado no Brasil;
- identificar projetos sobre marcas de proveniência bibliográfica, dentro e fora do país;
- inventariar a produção científica publicada sobre o assunto;

- promover reuniões e debates sobre o assunto;
- analisar as diferenças linguísticas nos usos dos tipos de marcas de proveniência; e
- categorizar as marcas de proveniência bibliográfica como fonte para a história da biblioteca.

No início do projeto, a formação e leituras prévias ajudaram na condução metodológica, porém, tínhamos várias informações, que com o passar do tempo verificamos que estavam incompletas ou erradas. Para demonstrar o atual andamento do Projeto, vamos retomar os seus antecedentes e esclarecer sobre a sua conjuntura de formação com a proposta específica em relação ao assunto “marcas de proveniência”, até chegar na consolidação do projeto de pesquisa. Sobre o projeto buscaremos indicar a sua função, seus objetivos, sua metodologia, o perfil dos pesquisadores atuantes e resultados. Para finalizar, temos a intenção de abordar as perspectivas quanto aos seus desdobramentos e avanços.

A Eloquência dos Livros: bases metodológicas

O projeto “A Eloquência dos Livros” tem como objetivo geral a pesquisa voltada para as marcas de proveniência bibliográficas, sendo assim, é relevante ressaltar que a sua abordagem está voltada para o olhar da Biblioteconomia, sem jamais deixar de considerar o seu caráter interdisciplinar. É importante mencionar isto porque as áreas de Letras e História vêm trabalhando com algumas marcas de proveniência em seus estudos há muito tempo. Sendo assim, consideramos importante compartilhar as bases metodológicas que nos orientaram no desenvolvimento deste Projeto.

O trabalho com marcas de proveniência normalmente ocorre em bibliotecas com coleções especiais e livros raros. Antes de seguirmos, portanto, é importante esclarecermos como compreendemos ambas, pode-se assim dizer, classifi-

cações. Entende-se que coleção pode ser a junção arbitrária de um grupo de objetos - no caso livros.¹³ Contudo, considera-se que esses podem possuir um diálogo entre si, pelos títulos que o compõem, mas - e gostaríamos de ressaltar isso - também como identidade constituída pelo conjunto.

E, é nesse jogo dialógico, entre objetos e coleções, que, ao trabalhar com acervo museológico, nos foi tão importante porque mostra que seja em conjunto, seja individualmente, os objetos possuem significado e narrativas de um passado recente ou muito remoto.¹⁴ É válido dizer que se trata de um processo cognitivo da cultura material, não-abstrato.

Uma ressalva, muito particular para nós que trabalhamos com bibliotecas privadas,¹⁵ que em seu conjunto os artefatos (os livros) possuem uma durabilidade muito maior que seus produtores.¹⁶ Consideramos que assim, passam também a representá-los materialmente. No caso das marcas de proveniência que essas coleções possuem, arrastam consigo outras memórias de produtores, sejam da mesma família ou não, como explicamos anteriormente.

Ora, o livro impresso, como objeto,¹⁷ como fruto dos processos de produção material e intelectual, também re-

13 Pkrzystof PomiaAn, "Coleção", *Enciclopédia Einaudi* (Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994), 51-86.

14 Susan Pearce M., "Objects as meaning; or narrating the past", in *Interpreting objects and collections*, ed. Susan Pearce (London; New York: Routledge, 1994), 19-A29.

15 Sobre esse conceito e sua polissemia em nosso país, recomendamos, sobretudo, pela revisão de literatura que é feita: Fabiano Cataldo *et al.*, "Bibliófilas, sim! Breves apontamentos sobre duas bibliotecas de mulheres brasileiras", *Herança: revista de história, cultura e patrimônio* 3, 1(2020): 87-123, <https://revistas.ponteditora.org/index.php/heranca/article/view/231> [Acesso em: 03 abr. 2021].

16 Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, "Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público", *Revista Estudos Históricos*, 21(1998), <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067> [Acesso em: 03 abr. 2021].

17 PAela revisão de literatura recomenda-se a leitura de: Cataldo y Loureiro "Afinal, os objetos falam?...".

apresenta uma quase recolha de memória coletiva que vai muito além do conteúdo, como já demonstraram autores que enfatizam o que se passava dentro de uma oficina tipográfica e afirmando que a produção só era possível por se tratar de um empreendimento de equipe.¹⁸ E essa continha conhecimentos técnicos que ultrapassaram e mesclavam fronteiras. Ou seja, é a história da ciência e da técnica representada na memória coletiva de um grupo de artífices resultando no objeto livro.

Ainda como objeto, o livro não finda o seu significado como artefato, produto de conhecimentos intelectuais e de habilidades técnicas, mas avança em outras possibilidades como fonte documental. A trajetória do objeto livro é repleta de sentidos e pode funcionar como receptáculo para inúmeras camadas de informações.

Coleções Especiais, como o próprio nome diz, refere-se a um conjunto que poderá ter sido formado pela compra, doação ou comodato de uma biblioteca privada de indivíduo ou pela incorporação de outra biblioteca institucional. Já livro raro, é uma categoria identificada dentro desse conjunto.¹⁹

18 Raphael Mouren. “Conceber e fabricar um livro: um empreendimento de equipe”, *Livro: revista do núcleo de estudos do livro e da edição*, agosto 2012, núm. 2, pp. 117-139.

19 David Mcktterick, *The Invention of Rare Books: Private Interest and Public Memory, 1600-1840* (Cambridge: Cambridge University Press, 2018); Embora como um assunto transdisciplinar, o foco deste trabalho não é a revisão dos conceitos de coleções especiais e livros raros. Por isso, recomendase as leituras: Ingrid Souza Lopes de, *Patrimônio bibliográfico de C&T em universidades: proposta para formação das coleções especiais da Biblioteca Paulo Geyer* (Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado)-Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, do Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro); Ingrid Souza Lopes de, Fabiano Cataldo de y Maria Lucia de Niemyer Matheus, “Coleções especiais e valor de memória: reflexões no contexto de bibliotecas universitárias”. *xviii Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, ENANCIB*, 2017, <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/190/1106> [Acesso em: 12 Out. 2019]. Nessa publicação, inclusive, fica mais claro a diferença entre esse conceito de co-

De acordo com nosso ponto de vista, para se chegar a ambas as classificações/categorias é necessário a percepção sobre patrimônio bibliográfico baseado na ideia de ressonância e aderência de José Reginaldo Gonçalves, porque apesar de incluirmos o livro como patrimônio bibliográfico, sem dúvida, também é um objeto cultural inserido nas transformações sociais.

Por fim, empiricamente percebemos que os “critérios de raridades”, são meramente baseados em parâmetros gerais, quando esses critérios deveriam ser mais personalizados possível. Até porque, considerando que para se chegar aos padrões patrimoniais, é *sine qua non* conhecer a história da instituição. Sem isso, até mesmo algumas marcas de proveniência passariam despercebidas. É necessário ter consciência de que no caso do desbastamento do acervo geral para coleções especiais, quando esses critérios de raridade ou coleções especiais forem baseados em padrões patrimoniais, será possível identificar casos nos quais ainda que autor e título não mais interessem à instituição, a marca de proveniência representará elemento de ligação e, às vezes, o último remanescente de uma memória coletiva.

Aos poucos constatamos que o maior dos problemas não era estabelecer critérios de raridade, coleções especiais, identificar e/ou descrever marcas de proveniência - isto é apenas a ponta de um imenso iceberg. Como há anos vem constatando a Rare Book and Special Collection Section da IFLA, e nós, profissionais que ministramos aulas aos profissionais que atuam em biblioteca, o mais grave está na formação. O livro impresso, em determinados cursos de graduação passou a ser um objeto estranho. Historiadores, Bibliotecários, Conservadores-Restauradores saem da graduação, na maioria dos casos, sem conhecimentos (ou muito pífio) de disciplinas como História do Livro e Bibliografia Material.

leções especiais na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos.

Como sabemos, estes entendimentos são absolutamente necessários para trabalhos com proveniência. Sendo a Bibliografia Material uma contribuição metodológica muito importante, pois, com o exame do livro é possível o reconhecimento e identificação de marcas de proveniência.

Ainda considerando o livro como artefato, e a memória que ele carrega, associadas às suas lembranças coletivas, a pergunta: “qual a natureza do objeto material como documento, em que reside sua capacidade documental, como pode ele ser suporte da informação? Ou, dito de forma mais direta, sem sofisticação: que tipo de informação intrínseca podem os artefatos conter, especialmente de conteúdo histórico?”.²⁰

No nosso caso aqui em questão, não cabe confundir “informação intrínseca” com “elementos intrínsecos” quando nos referimos a uma marca tipográfica, por exemplo. Podemos compreender, dentro do nosso universo, informação intrínseca como os dados que são possíveis obter a partir da análise e interpretação de uma marca de proveniência, dentro de todo um universo de dados.

Como fontes para orientar o decorrer do projeto e suas ações em desenvolvimento são referências às ideias de Roy Stokes, em *“The Function of Bibliography”* e *“Esdaile’s manual of bibliography”*; Fredson Bowers, com os *“Principles of Bibliographical Description”*; e Phillip Gaskell, com a *“New Introduction to Bibliography”*, assim como, Idalia García com *“Segredos da prateleira: elementos para a descrição bibliográfica do livro antiquário”* têm sido fundamentais.

A base para entendimento das marcas de proveniência é o livro *“Provenance Research in Book History: a handbook”* de David Pearson, no qual o autor é muito enfático sobre a necessidade de estudo sério das bibliotecas privadas, sua origem, formação e desenvolvimento, como já foi aprendido há muito tempo.

20 Toledo, “Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público”.

Pearson também apresenta uma discussão sobre a tipologia das marcas de proveniência, bem como propõe glossários que, apesar de estarem em inglês, são de grande valor para uma construção que precisa ser estabelecida em torno dos conceitos.

Empiricamente falando, ainda que não recebam esses conteúdos na graduação, esses profissionais, muito dificilmente os encontram em programas de educação continuada. Porém, determinados colegas não veem nesses conteúdos algo importante para suas formações. Mormente se em suas coleções não encontram impressos estereotipados como “raros” ou “antigos”. Associações e órgãos federativos de bibliotecários, por exemplo, praticamente não incluem esses conteúdos nas pautas de seus eventos, normalmente voltados para a tecnologia da informação. Essa situação, sob nossa perspectiva, cria uma bola de neve promovendo ainda mais dificuldades, pois, como descrever e indexar as marcas sem saber as partes de um livro? Contudo, isso é uma discussão que deixaremos para aprofundar em outro momento.

Fundamentação teórica: reflexões advindas nos últimos anos do projeto

Nas linhas a seguir, apresentaremos tanto as bases que ainda sustentam nosso projeto quanto determinadas reflexões que, inicialmente não estavam claras, hoje, após leituras e debates entre nós, pesquisadores, parece-nos menos nebulosas, mas ainda exigindo um olhar cuidadoso.

Durante os quase dez anos que o coordenador desse projeto ministrou cursos sobre formação e gestão de coleções especiais, o tema “marcas de proveniência” fazia parte do programa no ponto sobre tratamento técnico. O foco foi sempre desvelar a importância desse elemento e orientar os curadores, gestores e técnicos, a sua identificação e descrição, no nível que fosse possível. A partir

dos anos de 2016 acrescentou-se ainda o argumento da segurança de acervos.

Apesar de não ser o foco dos cursos, a maior questão pontuada por bibliotecários catalogadores, sobretudo, era a dificuldade de identificação, descrição e em qual campo do MARC 21 deveriam inserir essas “marcas de proveniência”.

Ao explicar o passo a passo da análise bibliográfica de um livro e como identificar a marca de proveniência, indica os principais lugares onde aparecem:²¹

- Prancha anterior;
- Prancha posterior;
- Lombada;
- Cortes superior, inferior e anterior;
- Folhas de guarda;
- Mancha do texto;
- Costura;
- Página de rosto;
- Sumário/Índice etc;
- “*Insertion*” (documentos/pedaços de papel inseridos dentro dos livros).

Além dessas indicações, recomenda-se indicar com extrema precisão a localização da marca encontrada.

Entretanto, além do que apontamos anteriormente como a falta de conhecimento em História do Livro e Bibliografia Material, o que se observava eram poucos conhecimentos conceituais, e dentro desses, com base nos teóricos que temos estudado, havia algumas inexatidões. Por exemplo, considerar que “ex-dono” como “assinatura do dono”, quando na verdade seria um “ex-libris manuscrito”; um carimbo úmido ou seco com a inscrição “ex-libris” como tal; etiquetas ou carimbos que documentam uma doação

21 Cristina Dondi, *The Use of Provenance Evidence to Track the Movement of Books Across Space and Time, and the Corollary Need to Gather and Search Images of Provenance* (London: 2015), https://www.cerl.org/services/seminars/powerpoint_presentations_warburg [Acesso em: 03 abr. 2021].

como uma espécie de “ex-libris” atribuído pela biblioteca receptora.



Figura 1: Representação para diferenciar ex-libris manuscrito e assinatura/rubrica

Fonte: Os autores.

Passamos a compreender que para ser uma **assinatura ou rubrica** essa deveria ser feita pelas mãos do próprio dono e isso nem sempre é fácil de determinar. Até mesmo o **ex-libris manuscrito**, que David Pearson considera a forma mais primitiva de marcar a propriedade de um livro, poderia ser feito pelo dono, ou, seguindo a cultura da época, uma anotação manuscrita feita por quem recebia o livro. Por tal razão, no processo de descrição de uma marca, não havendo, por exemplo, um paleógrafo e/ou especialista, a forma que conduz menor incorreção é sempre indicar “anotação manuscrita”, e nunca deixar de mencionar onde se encontra.

Já o ex-dono, algo também muito confundido aqui no país, já era explicado com muita clareza no século XIX como sendo:

uma inscrição que indica que um objeto, geralmente um livro, foi dado à pessoa com quem foi encontrado. A inscrição não é necessariamente feita pela mão do doador, ao contrário de um autógrafo ou de uma dedicatória (ou mais precisamente de um envio). É, portanto, uma marca de proveniência, assim como o ex-libris.²²

Essa fórmula poderia ser manuscrita pelo próprio doador ou também pela instituição que o recebia. E, além de manuscrita, poderia ser em forma de uma etiqueta colada, normalmente, na folha de guarda.

Maria Isabel Ribeiro de Faria e Maria Graça Pericão, são assertivas ao afirmarem que “Ex dono: fórmula que precede o nome do doador que oferece de presente um objeto ou um livro. Indicação especial escrita em alguns livros para indicar que foram oferecidos.” Mas, então o que diferencia um “ex-libris manuscrito” de um “ex-dono”, de acordo com nossas pesquisas, é o simples uso da forma que inclui a expressão. Do mesmo modo, a diferença do ex-dono impresso de uma outra etiqueta que documenta a doação. Em ambos os casos, impresso ou manuscrito, trata-se de um tipo de dedicatória, e mais especificamente a transferência de uma propriedade.²³

22 Alexis Martin, *Études sur les ex-dono et dedicaces autographes*, (Paris: J. Baur, Libraire, 1877), 18.

23 Cavalcanti 2013.

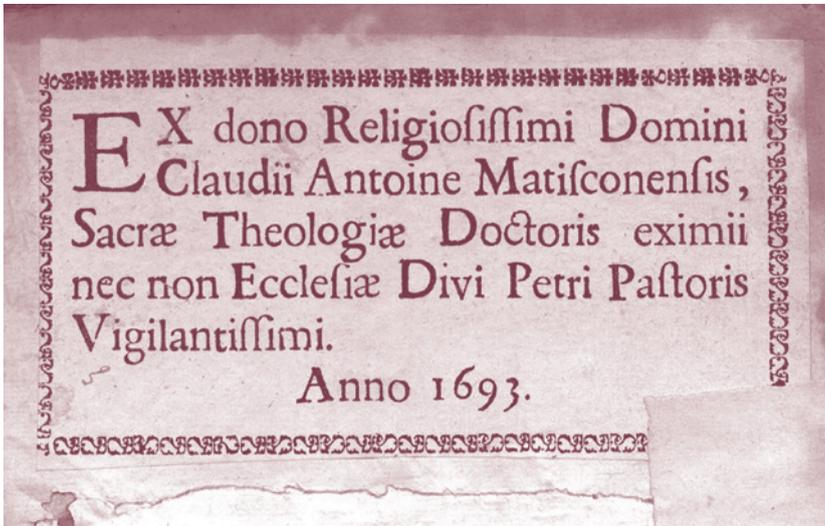


Figura 2: ex-dono impresso que contém registro da transferência de titularidade

Disponível em: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:B-ML_06PRV010003034571096

Porém, uma imprecisão importante dizia respeito à própria ideia do que é “proveniência/procedência” e “propriedade/posse”. Nós mesmos não tínhamos total clareza desses termos, o que aos poucos foi mudando conforme as pesquisas avançaram. O diagrama abaixo é apenas uma proposta que chegamos a partir dos estudos que realizamos.

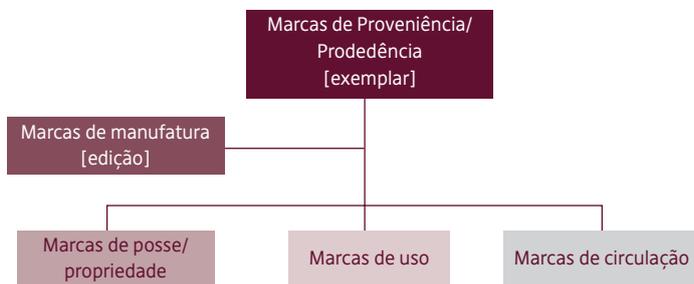


Figura 3: Esquema conceitual

Fonte: Os autores.

Em nosso idioma, as palavras “proveniência/procedência” parecem ser mais usadas do que “propriedade/posse” e em algumas ocasiões como sinônimo. Ainda que consideremos a perspectiva de quem fala, ou seja, o pesquisador sobre o tema, este também vai se deparar com as marcas de posse de uma determinada biblioteca. Conscientemente ou não, parece-nos que se convencionou implicitamente que em proveniência pode estar contida a posse.

Para endossar nossa proposta consideramos que

“[...] procedencia también tiene a ver con aquellas evidencias de posesión, circulación, prácticas de lectura o usos del próprio documento (impreso o manuscrito) que se infieren a partir de elementos históricos agregados presente en éste y, eventualmente, a partir de fuentes documentales externas”.²⁴

Fernanda Maria Guedes de Campos acredita que através de marcas de proveniência, é possível entender mais claramente o uso do livro, assim como delinear outra história para o livro, uma história que vai além do conteúdo impresso. Para Elvia Carreño Velázquez, as marcas de pro-

24 Mercedes Isabel Salomón Salazar, “Las marcas de fuego: una tipología más para el estudio de procedências”, in *Propriedad y uso: exlibris, marcas de fuego, sellos y anotaciones manuscritas* (Puebla: Universidad de las Américas Puebla, 2019), 10.

veniência bibliográfica são testemunhos silenciosos que fornecem informações únicas sobre cada cópia. Na mesma linha, com base em uma análise da biblioteca do humanista argentino Pedro Arata, revela não apenas sua rede de sociabilidade, mas também linhas científicas explícitas e influências políticas.²⁵

Essa perspectiva também pode ser notada quando afirmam que proveniência é “any piece of information that may bear witness to the itinerary of a book is provenance information.”²⁶ Those data may cover the path from the origin of a book to the current owner and stops the book has made between those two stations”. Nesse sentido, ambos consideram também que esses dados, normalmente escondidos nas bibliotecas, devem ser identificados e incluídos nos catálogos pois “constitute a substantial fund of primary, historical source material”.²⁷

De acordo com a ideia “term provenance has French roots and dates back to the Enlightenment era. A growing concern with the biographies of works of art can be observed in France throughout the eighteenth century”.²⁸ Esse marco no século XVIII é o mesmo usado ao comentar o nascimento do conceito da raridade e como os livreiros usavam subterfúgios para qualificar e tornar únicos os livros que arrolavam nos catálogos. Em ambos os casos o antigo dono sempre acrescia o objetivo de um capital ainda maior.²⁹

25 Diego Medan, “Firmas, sellos y ex libris: evolución de las marcas de propiedad en la biblioteca del humanista argentino Pedro N. Arata”, *Eadem Utraque Europa*, 10, 15(2014): 197-221, <http://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/16774> [Acesso em: 13 ago. 2018].

26 Tony Curwen, Gunilla Jonsson, *Provenance and the Itinerary of the Book: Recording provenance data in on-line catalogues*, 2006, <https://www.cerl.org/resources/provenance/marc?mslkiid=a94c17d5b15711eca9b369ea91161921> [Acesso em: 01 mar. 2022].

27 Curwen, Jonsson, *Provenance and the Itinerary of the Book...*, 32.

28 Christian Huemer, “The provenance of provenances”, in *Collecting and Provenance: A Multidisciplinary Approach* (New York; London: editores Jane Milosch y Pearce, 2019).

29 McKitterick, *The Invention of Rare Books...*

A ideia de lastro, do caminho percorrido pelo livro, é muito utilizada assim como no universo dos objetos de arte. Por isso, pode-se dar a ideia de que esses livros têm uma tendência à musealização. Pelo contrário, sob nossa perspectiva interpretativa é a forma de reforçar o caráter do livro como objeto e artefato. Esse passar de mãos em mãos, de geração para geração, assume diferentes cargas simbólicas. Os livros de literatura infantil pertencentes aos nossos pais, possuem um valor para além do monetário dentro de nossas famílias. Bem diferente, por exemplo, do valor atribuído aos livros usados na escola por Isabel Allende.

Atinentes ao circuito da comunicação, compreendemos que esse itinerário começa a partir do “nascimento do livro”, ou seja, quando o livro é publicado. Por isso as marcas d’água não se constitui como marca de proveniência, uma vez que normalmente documenta a origem do papel, do papeleiro e não daquela publicação. Apesar dessa ideia ainda não esteja muito consolidada, a etiqueta de um livreiro constitui marca de proveniência porque embora ele seja um dono transitório daquele exemplar esse item documenta o seu percurso. Contudo, em ambos os casos, há algumas controvérsias que ainda precisam ser dirimidas.

Nos estudos sobre as marcas de proveniência, antes de tentar identificar e descrever, precisamos compreender a diferença entre finalidade, uso e função. Por exemplo, um carimbo úmido com a inscrição “ex-libris” não deve ser descrito como tal, mas como “carimbo úmido com a inscrição ex-libris x ou y”. Uma vez que pela literatura, o ex-libris possui a seguinte tipologia: manuscrito (já exposto), impresso, em tipográfico e gravado, dependendo do processo de produção.³⁰ Sem dúvida, no caso dos dois últimos, trata-se de um papel impresso e colocado, ou seja, uma etiqueta. O que o distingue de uma mera etiqueta feita, por exemplo, para documentar o recebimento de uma biblioteca privada

30 Pearson, *Book as History: The Importance of Books Beyond their Texts...*

é a finalidade, pois, a primeira registra e documenta uma propriedade individual ou institucional,³¹ já a segunda, a proveniência.



Figura 4: Exemplo de ex-libris impresso gravado, ou seja, não contém elementos iconográficos.

Acervo: Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos.
Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Brasil

31 Salomón, "Las marca de fuego: una tipología más...".

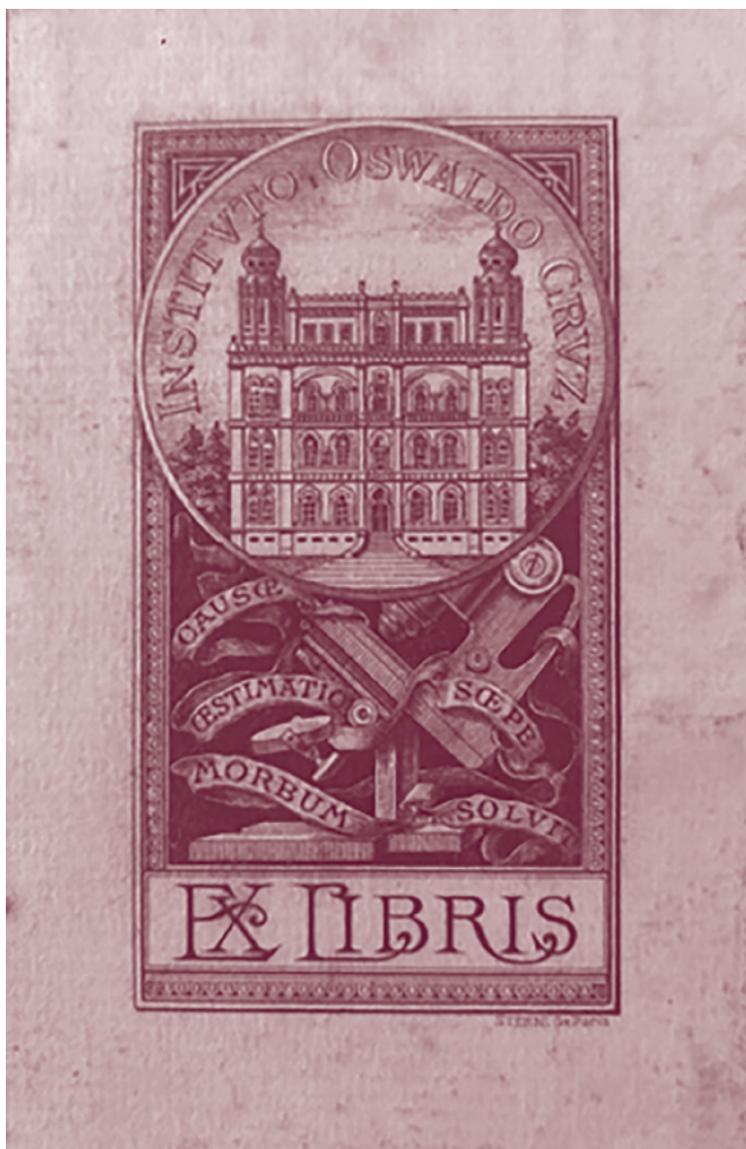


Figura 5: Exemplo de ex-libris impresso tipográfico, ou seja, não contém elementos iconográfico

Acervo: Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos.
Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Brasil

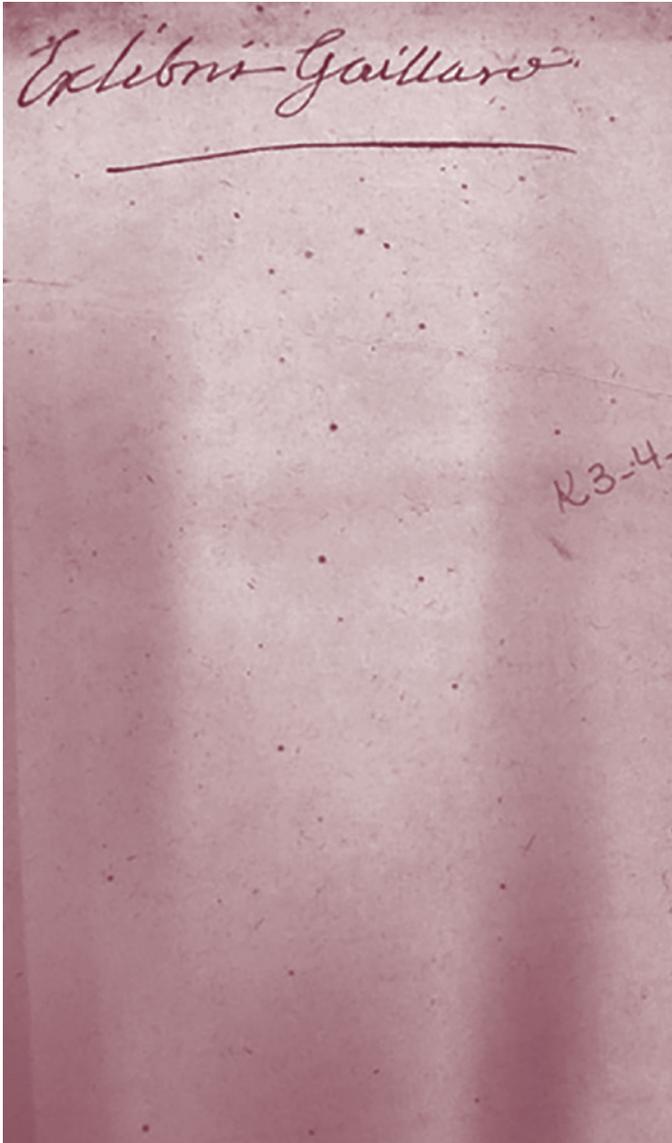


Figura 6: Exemplo de ex-libris manuscrito
Acervo: Seção de Obras Raras da Biblioteca da Faculdade de Direito da
Universidade de São Paulo. Brasil.

Esse é o caso deste documento do acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Não obstante a inscrição “ex libris Galliano” determinar se realmente foi feita para dono do livro requer outros estudos mais aprofundados. Razão pela qual, no contexto do projeto, vimos sempre orientando o uso genérico, como no caso, “anotação manuscrita indicando um nome na folha de guarda”. Outra opção também seria transcrever o que está escrito, desde que consiga decodificar. Percebemos que a palavra mais importante não é *pressa*, mas *parcimônia* e *bom-senso*.

A Biblioteca Histórica do Itamaraty possui uma tipologia de marca que é um exemplo de prática administrava bem útil e singular para nossa discussão e consumiu muito tempo de reflexão. Uma análise preliminar, em alguns exemplares, entre as maiores coleções da instituição, mostrou que aparentemente etiqueta impressa (Fig. 7) foi feita só para esse caso, uma vez que os outros possuem *ex-libris*. Normalmente aparece colada no verso da folha de guarda em diferentes posições, sempre respeitando outras marcas ou anotações, como no caso em questão.

A função dessa etiqueta foi documentar a proveniência da coleção. Todavia, não é incomum encontrar marcas com essa tipologia (já encontramos também em *carimbo úmido* em outra instituição) que possuem também o nome da instituição onde o livro se encontra, assim, assume uma função dupla de indicar a procedência e registrar a posse.

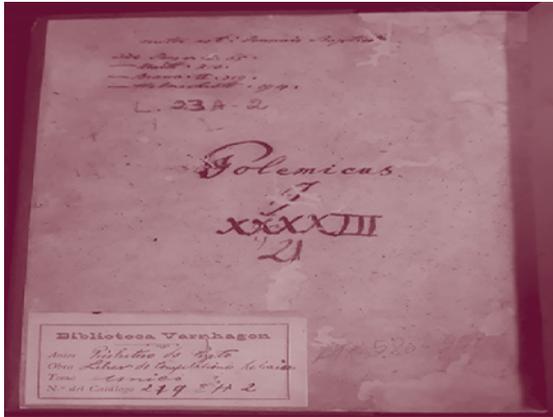


Figura 7: Etiqueta

Acervo: Biblioteca Histórica do Itamaraty, Rio de Janeiro. Brasil.

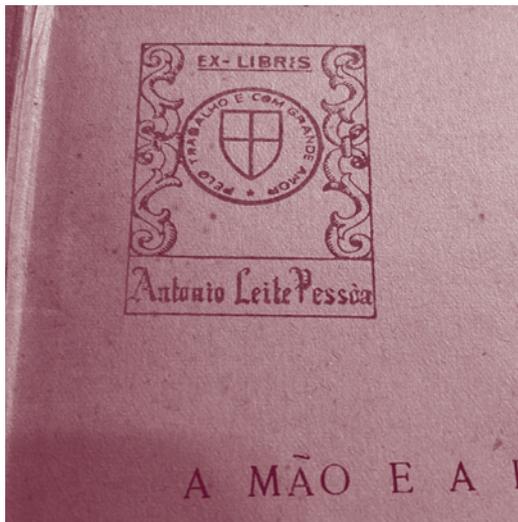


Figura 8: Carimbo úmido com a inscrição ex-libris

Acervo: Fabiano Cataldo de Azevedo. Salvador. Bahia. Brasil.

Esse exemplo, sob nossa perspectiva, a partir dos estudos que estamos realizando trata-se apenas de um carimbo úmido indicando ou representando um ex-libris. Acreditamos que pesquisas como esse tipo de material de-

vem ser feitas com muito cuidado e parcimônia, sobretudo, quando se pretende trabalhar com vocabulário controlado e indexação.

Nessa linha, na atualidade, um dos projetos inspiradores e de referência é a ainda o Projeto desenvolvido pelo *Bibliopat* intitulado “*Description et signalement des provenances - propositions pour une méthodologie commune*”,³² que levou anos em desenvolvimento e ainda passa por críticas e avaliação. No contexto de nosso projeto de pesquisa, muitas vezes somos consultados sobre o que fazer quanto ao uso de vocabulários controlados, e uma das orientações que recomendamos é usar o “Dicionário do Livro” de Maria Isabel Ribeiro de Faria e Maria Graça Pericão e pensar primeiramente em sua própria realidade.

Também, por via desse projeto francês, chegamos recentemente ao conceito de “*Provenances déduites*”, ou seja,

Qualquer sinal ou pista presente no livro ou às vezes até fora do documento, permitindo rastrear sua procedência. Eles são, portanto, muito valiosos para a história dos livros e da leitura. Anotá-los permite constatar sua frequência e construir hipóteses, que podem ser verificadas cruzando as fontes de informação.

A proveniência de um documento pode ser inferida pelo estudo de fontes externas ao próprio documento. As fontes que permitem o retorno dessas informações são específicas da instituição onde os documentos são mantidos (registros de entrada, por exemplo) ou externas (outros arquivos, como inventários após óbito). Pode ser indica-

32 *Bibliopat*, *Description et signalement des provenances - propositions pour une méthodologie commune*, <http://bibliopat.fr/description-et-signalement-des-provenances-propositions-pour-une-methodologie-commune> [Acesso em 02 mar. 2022].

da na própria obra e traduzida por uma anotação manuscrita

Sendo assim, entendemos que outros documentos e não somente as marcas em si podem corroborar para a identificação da proveniência/procedência de exemplares presentes em coleções, como livros de tombos, cartas, catálogos de livreiros, catálogos das bibliotecas, marcadores, anotações manuscritas avulsas, dentre outros itens.

Ao caminhar do Projeto, foi possível perceber as diversas facetas nas quais a pesquisa e atuação das marcas de proveniência podem estar presentes. Para melhor ilustrar essas propriedades apresentamos o diagrama a seguir:

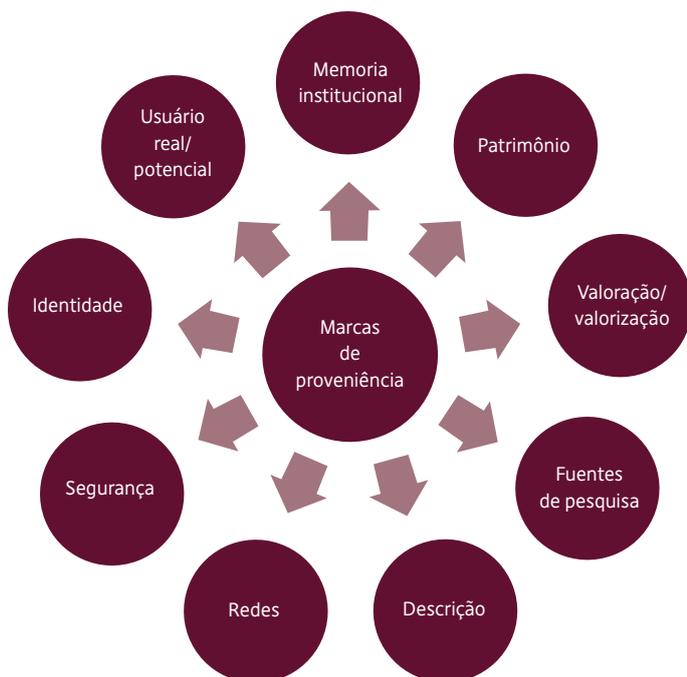


Figura 9: Diagrama de áreas que se relacionam com as marcas de proveniência

Fonte: Peruzzo, Almeida 2020, 38

Assim, como as dedicatórias como documento representa uma fonte que pode adquirir significado e importância além do próprio conteúdo do livro.³³ Por exemplo, as dedicatórias manuscritas constituem-se como insumos na marcação da procedência dos exemplares de forma individual, ou coletiva, quando compõem coleções.

Perspectivas

Nesta fase em andamento do projeto, temos trabalhado com seis eixos que estão associados aos planos de ação estabelecidos para a planejamento 2021-2025, sendo eles:

1. marcas de proveniência e curadoria digital;
2. marcas de proveniência, representação descritiva e vocabulário controlado;
3. marcas de proveniência e disseminação de informação;
4. marcas de proveniência e combate ao tráfico ilícito de documentos;
5. marcas de procedência em documentos textuais;
6. marcas de proveniência no contexto da formação e desenvolvimento das coleções.

A definição desses eixos deu-se mediante a identificação de lacunas observadas principalmente junto aos membros do projeto de pesquisa, que puderam a partir dos seus contextos de atuação diagnosticar áreas relacionadas com as marcas de proveniência com as quais perceberam espaços de trabalho a serem explorados.

33 Stefanie Cavalcanti Freire, *As dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira*. Dissertação. (Mestrado em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013) http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/pos-graduacao/ppgh/dissertacao_stefanie-freire [Acesso em: 09 mar. 2018].

Sendo assim, foram definidos os seguintes planos de ação:

- Plano de Ação 01: Desenvolvimento de vocabulário controlado / glossário. Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos. Fiocruz.
- Plano de ação 02: Identificação de marcas de proveniência em partituras musicais. Biblioteca de Artes e Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- Plano de Ação 03: Identificação de Marcas de Proveniência na documentação administrativa do período Imperial. Arquivo Histórico do Itamaraty.
- Plano de Ação 04: Identificação das marcas de proveniência utilizadas pela instituição. Biblioteca Nacional do Brasil.
- Plano de ação 05: Identificação de marcas de proveniência. Biblioteca Oliveira Lima, Universidade Católica da América.

Como base estrutural para o desenvolvimento do projeto e, portanto, de seus objetivos, foram estabelecidos temas fundamentais que transcendem todas as pesquisas em marcas de proveniência, sendo eles: cultura material, história da produção de livros impressos, história das bibliotecas, bibliografia material, patrimônio bibliográfico, memória e identidade. É preciso conhecer e buscar uma compreensão mais ampliada nestes temas que se relacionam com o conteúdo principal do projeto

Quando é possível convergir os campos de atuação nesta temática, é factível a ampliação do público que deseja pesquisar este tema e outros correlatos. Consequentemente, o acesso também é promovido a partir da oferta de informações disponíveis e tangíveis na recuperação da informação. Ainda possibilitando promover redes de reconexão, no intuito de transcender a barreira da dispersão de acervos, quando conseguimos identificar e localizar coleções que foram dissociadas. Todavia, estas são alternativas que só

tendem a funcionar a partir de um olhar abrangente e não-fatiado, considerando elementos paralelos que podem agregar conhecimento e vínculos conjuntos.

Diante das observações postas, apresentamos alguns dos resultados alcançados com o andamento do Projeto, dentre eles a ampliação do debate sobre o tema “marcas de proveniência”. De maneira direta, o apoio do Projeto aos planos de ação concebidos e implementados em acervos de instituições brasileiras e estrangeiras, deram aplicabilidade à pesquisa que vem sendo realizada. Além disso, houve uma propulsão de produção científica no referido tema e outros associados com publicação de artigos científicos, orientação de teses de graduação e mestrado; organização e divulgação de bibliografia, assim como a organização de cursos e eventos acadêmicos.

Conclusão

A percepção sobre as diversas áreas e atividades em que as marcas de proveniência podem estar inseridas possuem relevância não somente para o tratamento técnico das obras de uma coleção especial ou mesmo de itens isolados, mas também na formação e qualificação de acervos no tocante ao seu papel social e histórico enquanto patrimônio cultural.

De forma prática, ainda temos a oportunidade de tornar o seu uso e descrição em vantagem agregada, como por exemplo, dispositivo de segurança, que em casos de furtos ou roubos, apesar do máximo de cautela e controle que se possa haver, os acervos acabam estando expostos.

Contudo, as marcas de proveniência podem estar vivas em outros universos. Àqueles onde são capazes de ser fontes de pesquisas, representantes da identidade e memória (institucional, coletiva, social ou mesmo afetiva) e desempenhar funções associadas ao patrimônio.

Podemos pensar marcas de proveniência também como “traços de memória”, uma ideia que vem em “La

Memoire Collective” porque elas têm o poder de nos conectar com a identidade de certos grupos.³⁴ Isto nos leva à própria percepção deste tema como patrimônio bibliográfico, cujas obras de Juan Miguel Palma Peña são norteadoras.

Os estudos em proveniência têm possibilitado uma aprendizagem proveitosa na competência em reconhecer, descrever e recuperar a informação a partir dos exemplares presentes em acervos institucionais e assim colaborar em seu tratamento técnico. A viabilidade de juntar coleções de forma lógica sem ter que estarem fisicamente juntas, conhecer com mais complexidade e aperfeiçoamento os itens e coleções, assim como contribuir para a identidade cultural de um grupo, seja local ou nacional, ou mesmo em determinados grupos específicos, é importante para o desenvolvimento social dentre outras possibilidades.

As ações deste projeto de pesquisa funcionam como um componente na dinâmica do trabalho cooperativo instituída, permitindo aos profissionais que antes exerciam suas atividades isoladamente, a oportunidade de estabelecer relações em que a discussão técnico-acadêmica pode ser ampliada e assim aplicada com maior maturação.

Todo o movimento que circunda as marcas de proveniência também está associado à preservação do patrimônio cultural que só é praticável quando se conhece o objeto a ser conservado/preservado. O objeto em si, na maioria das vezes, não apresenta informações suficientes para se entender o que ele representa, isso é construído pela pesquisa e que as marcas de proveniência têm muito a agregar.

Sendo assim, o projeto “A Eloquência dos Livros” tem um papel a desempenhar frente não somente a comunidade acadêmica ou diante dos técnicos que precisam trabalhar na sua organização e manutenção de acervos, mas também em contribuir na produção de informações relevantes para o processo de identidade cultural de determinado grupo.

34 Maurice Halbwachs, *A memória coletiva* (São Paulo: Centauro, 2006).

Fuentes de consulta

- American Library Association. *Guidelines Competencies for Special Collections Professionals*, <https://www.ala.org/acrl/standards/selctransfer> [Acesso em 02 mar. 2022].
- Biblioplat. *Description et signalement des provenances - propositions pour une méthodologie commune*, <http://biblioplat.fr/description-et-signalement-des-provenances-propositions-pour-une-methodologie-commune> [Acesso em 02 mar. 2022].
- Bowers, Fredson. *Principles of Bibliographical Description*. Princeton: University Press, 1994.
- Cataldo de Azevedo, Fabiano. "O acervo bibliográfico do Gabinete Português de Leitura como lugar de memória e forma reconhecível: considerações acerca dessas aproximações". *Revista Convergência Lusíada: estudos culturais em língua Portuguesa* 25, (2011): 43-60. <https://convergencialusíada.com.br/rcl/article/view/65> [Acesso em: 03 abr. 2021].
- Cataldo de Azevedo, Fabiano y Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro. "Afinal, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória". *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* (ENANCIB), 20 outubro 2019, <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123799> [Acesso em: 27 fev. 2020].
- Cataldo de, Fabiano *et al.* "Bibliófilas, sim! Breves apontamentos sobre duas bibliotecas de mulheres brasileiras". *Herança: revista de história, cultura e património* 3, 1(2020): 87-123. <https://revistas.ponteditora.org/index.php/heranca/article/view/231> [Acesso em: 03 abr. 2021].
- Cavalcanti Freire, Stefanie. *As dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira*. Dissertação. Mestrado em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. <http://www.unirio.br/>

- cch/escoladehistoria/pos-graduacao/ppgh/dissertacao_stefanie-freire [Acesso em: 09 mar. 2018]
- Curwen, Tony y Jonsson, Gunilla. *Provenance and the Itinerary of the Book: Recording provenance data in on-line catalogues*, 2006 <https://www.cerl.org/resources/provenance/marc?msclkid=a94c17d-5b15711eca9b369ea91161921> [Acesso em: 01 mar. 2022].
- De Souza Araújo, Jorge. *Perfil do leitor colonial*. Ilhéus, Bahia: Editora da UESC, 1999.
- Dondi, Cristina. *The Use of Provenance Evidence to Track the Movement of Books Across Space and Time, and the Corollary Need to Gather and Search Images of Provenance*. London, 2015, https://www.cerl.org/services/seminars/powerpoint_presentations_warburg, [Acesso em: 03 abr. 2021].
- Duarte De Almeida, Fátima, Peruzzo, Tarcila. "Atualizações dos estudos e práticas na catalogação de materiais bibliográficos raros e especiais: experiência da Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos da Fiocruz". In *As Marcas de Proveniência e a Cultura Material: Ciclo De Palestras*. Rio de Janeiro: UNIRIO, Fiocruz, PACT/Mast, 2020. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44859>, [Acesso em: 28 fev. 2022].
- Faria, Maria Isabel, Pericão, Maria da Graça. *Dicionário do livro*, da escrita ao livro eletrônico. Lisboa: Almedina, 2008.
- García Aguilar, Idalia. *Secretos del estante: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo*. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011.
- Gaskell, Philip. *Nueva Introducción a la bibliografía material*. Madrid: TREA. 1999.
- Gaspar Bibas, Marli. *As marcas de proveniência como elementos para a construção narrativa da trajetória do exemplar Histoire de l'Origine et des Premiers Progrès de l'Imprimerie (1740)*: da Real Biblioteca à Biblioteca

- Central da UNIRIO. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia). 85f. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019. <http://www.unirio.br/cchs/eb/TCCMarliBibasFinal.pdf> [Acesso em: 25 ago. 2020].
- Guedes de Campos, Fernanda Maria. "Marcas de posse. Marcas de proveniência bibliográficas: localizar, classificar e descrever". Palácio Nacional de Mafra, 2 e 3 de junho de 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=-S2RQExfn5g&t=2073s> [Acesso em: 15 ago. 2018].
- Halbwachs, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- Heritage, Barbara. "A arqueologia do livro". In *Charlotte Brontë: os manuscritos perdidos*. São Paulo: Faro Editorial, 2019.
- Huemer, Christian. "The provenance of provenances". In *Collecting and Provenance: A Multidisciplinary Approach*, editores Jane Milosch y Pearce. New York; London: Rowman & Littlefield, 2019.
- International Federation of Library Association and Institutions. Competency Guidelines for Rare Books and Special Collections Professionals. <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/rare-books-and-manuscripts/rbms-guidelines/competency-guidelines-for-rbcs-professionals.pdf> [Acesso em: 24 out. 2019].
- Lisboa, João Luís. "Coleções e dispersão". In: Silva, Maria Celina Soares de Mello e (org.). *Da minha casa para todos: a institucionalização de acervos bibliográficos privados*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, MAST, (2018): 8-25. E-book, http://www.mast.br/images/publicacoes_mast/livro_da_minha_casa_para_todos_v2.pdf [Acesso em: 24 out. 2019].
- Martin, Alexis. *Études sur les ex-dono et dedicaces autographes*. Paris: J. Baur, Libraire, 1877.
- Mckitterick, David. *The Invention of Rare Books: Private Interest and Public Memory, 1600-1840*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

- Medan, Diego. "Firmas, sellos y ex libris: evolución de las marcas de propiedad en la biblioteca del humanista argentino Pedro N. Arata". *Eadem Utraque Europa* 10, 15(2014): 197-221, <http://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/16774> [Acesso em: 13 ago. 2018].
- Mouren, Raphaele, "Conceber e fabricar um livro: um empreendimento de equipe", *Livro: revista do núcleo de estudos do livro e da edição*, agosto 2012, núm. 2, pp. 117-139.
- Namer, Gérard. *Mémoire et société*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.
- Palma Peña, Juan Miguel. "El patrimonio cultural, bibliográfico y documental de la humanidad: revisiones conceptuales, legislativas e informativas para una educación sobre patrimonio". *Cuicuilco* 20, 58(2013): 31-58. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16592013000300003 [Acesso em: 18 jul. 2019].
- Palma Peña, Juan Miguel. "La socialización del patrimonio bibliográfico y documental de la humanidad desde la perspectiva de los derechos culturales". *Revista General de Información y Documentación* 21, (2011): 291-312. <https://core.ac.uk/download/pdf/38822662.pdf> . Acesso em: 18 jul. 2019.
- Pearce, Susan M. "Objects as meaning; or narrating the past". In *Interpreting objects and collections*, 19-29. New York: Routledge, 1994.
- Pearson, David. *Book as History: The Importance of Books Beyond their Texts*. London: British Library, 2008; 2019.
- Pomian, Krzysztof. "Colecção". In *Enciclopédia Einaudi*, 51-86. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.
- Salomón Salazar, Mercedes Isabel. "Las marcas de fuego: una tipología más para el estudio de procedências". In *Propiedad y uso: exlibris, marcas de fuego, sellos y anotaciones manuscritas*. Puebla: Universidad de las Américas Puebla, 2019.

- Santos Gonçalves, José Reginaldo. "Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio". *Horizontes Antropológicos* 11, 23(2005): 15-36. <https://www.scielo.br/j/ha/a/wRHHd9BPqsbsDBzSM33NZc-G/?format=pdf&lang=pt> [Acesso em 01 mar 2022].
- Souza Lopes de, Ingrid. *Patrimônio bibliográfico de C&T em universidades: proposta para formação das coleções especiais da Biblioteca Paulo Geyer*. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado)-Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, do Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro.
- Souza Lopes de, Ingrid, Cataldo de, Fabiano y Loureiro, Maria Lucia de Niemyer Matheus. "Coleções especiais e valor de memória: reflexões no contexto de bibliotecas universitárias". *xviii Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, ENANCIB*, 2017. <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/190/1106> [Acesso em: 12 Out. 2019].
- Stokes, Roy. *Esdail's Manual of Bibliography*. Firth revised edition. New York, 1981.
- Toledo Bezerra de Meneses, Ulpiano. "Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público". *Revista Estudos Históricos* 21, (1998). <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067> [Acesso em: 03 abr. 2021].
- Villalta, Luiz Carlos. *Usos do livro no mundo luso-brasileiro sob as luzes: reformas, censura e contestações*, 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

